

## Ecossistemas pandêmicos: as mudanças nas rotinas dos/as discentes, a prática da alteridade e a ética do cuidado de si

### RESUMO

Ser estudante de Educação Física em tempos de pandemia. Os impactos da pandemia de covid-19 na rotina de estudantes e as estratégias, limitações e possibilidades para lidar com o ensino remoto emergencial. A partir das experiências divididas em uma roda de conversa, em um evento nacional da área, propomos a reflexão sobre as adversidades que interferem na rotina dos alunos e alunas. Desde suas tarefas diárias pré-pandêmicas, até as novas demandas impostas devido às implicações causadas pela pandemia. Pautadas em conceitos de Michel Foucault, busca articular-se a alteridade, tendo em vista as singularidades de adaptação ao momento atual. Salientando a importância de criar um espaço de fala franca entre os/as envolvidos/as no processo de ensino. Assim, foi produzida a roda de conversa, com o intuito de viabilizar este espaço, produzindo novos modos de dizer sobre os/as discentes e o curso de Educação Física.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia; Educação física; Discentes; Michel Foucault

### Jéssica Urrutia Pereira

Graduanda em Educação Física/bacharelado  
Universidade Federal de Pelotas

[urrutia.pereira.satolep@gmail.com](mailto:urrutia.pereira.satolep@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-8248-4085>

### Guilherme Gudagnini Granada

Gestor Ambiental/Tecnólogo - FURG  
Graduando em Educação Física/Bacharelado  
Universidade Federal de Pelotas


[guilherme\\_g\\_granada@hotmail.com](mailto:guilherme_g_granada@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-5229-8713>

### Giovana Silveira Machado

Graduanda em Educação Física/bacharelado  
Universidade Federal de Pelotas

[giovanasilveira1995@gmail.com](mailto:giovanasilveira1995@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-4348-6576>

## **Pandemic Echoes: the changes in the students routines, practice of otherness and ethics of self care**

### **ABSTRACT**

Being a physical education student in pandemic times. The pandemic effects in students' routines, the strategies, limitations and possibilities to deal with the emergency remote teaching. From the experiences that were shared in a conversation, in a P.E national event, a reflection was proposed about the adversities that interfere in the life of those students. Including their previous daily tasks, and also the new demands which were imposed by the pandemic. Based on concepts of Michel Foucault, otherness is sought, considering the singularities involved in the adaptation to the current moment. Emphasizing the importance of creating spaces where everyone involved on the teaching and learning process can be honest to each other. Thereby, a discussion was developed in order to enable this moment, creating new ways of speaking about the P.E graduation and its students.

**KEY WORDS:** Pandemic; Physical education; Students; Michel Foucault

## **Ecos pandémicos: cambios en las rutinas de los estudiantes, la práctica de la alteridad y la ética del autocuidado**

### **RESUMEN**

Ser estudiante de educación física en tiempos de pandemia. Los impactos de la pandemia de covid-19 en la rutina de los estudiantes y las estrategias, limitaciones y posibilidades para hacer frente a la educación remota. A partir de las experiencias divididas en una rueda de conversación, en un evento nacional en la zona, nos proponemos reflexionar sobre las adversidades que interfieren en la rutina de los estudiantes. Desde sus tareas diarias previas a la pandemia, hasta las nuevas demandas impuestas por las implicaciones provocadas por la pandemia. A partir de los conceptos de Michel Foucault, busca articular la alteridad, en vista de las singularidades de la adaptación al momento actual. Destacando la importancia de crear un espacio de conversación franca entre los involucrados en el proceso de enseñanza. Así, se produjo la rueda de conversación con el fin de habilitar este espacio, produciendo nuevas formas de hablar sobre los estudiantes y el curso de educación física.

**PALABRAS-CLAVE:** Pandemia; Educación física; Estudiantes; Michel Foucault

## INTRODUÇÃO

A graduação é um marco impactante na vida dos alunos e alunas que se inserem neste meio. Ao adentrar no cotidiano universitário surgem novas exigências, novas rotinas e com isso reformulações para atender às novas demandas. Essas mudanças se tornam ainda mais expressivas quando emergem a partir de uma pandemia. Assolados/as pelas incertezas de um vírus pouco conhecido e a insegurança desencadeada por um governo negacionista<sup>1</sup> e necropolítico.<sup>2</sup> Com o avanço da contaminação, medidas de isolamento social tornaram-se necessárias e com isso a reformulação didática da universidade, que teve de optar pelo ensino remoto emergencial.

É importante salientar que os impactos deste acontecimento são diferentes para cada um/uma. Logo, cada curso da universidade, à sua maneira, teve de se reformular, alguns/algumas com mais facilidades, outros com maiores dificuldades. O mesmo ocorreu no cotidiano dos/as discentes que, apesar de compartilharem aspectos comuns, como a universidade, o curso, colegas de classe, professores/as e até mesmo amigos/as, estes/as foram impactados de formas distintas. Diante disso, propomos refletir o “ser estudante de Educação Física em tempos de pandemia”, manifestando os ecos a partir das diferentes posições sujeito ocupadas pelos alunos e alunas, apesar da graduação em comum. Tendo em vista que, conforme colocado por Osti *et al.* (2021, p. 276), “essas mudanças exigiram dos[as] estudantes novas formas de organizar o seu estudo e de realizar as suas rotinas acadêmicas”.

Tais reflexões encontram condições de possibilidade, a partir de uma roda de conversa produzida, composta e executada por discentes da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. Em um evento tradicional da unidade, o 40º Simpósio Nacional de Educação Física (SNEF), que nesta edição teve como temática central: “*Ecos da Pandemia: A Educação Física e as crises de nosso tempo...*”. Sendo protagonistas desta ação, na tentativa de contemplar as experiências dos/as alunos/as, dando ênfase às estratégias de ensino utilizadas, as limitações encontradas e as possibilidades a partir disto.

Diante disso, o objetivo do texto é realizar reflexões acerca das experiências vividas na roda de conversa, a partir das noções de poder, parresía e cuidado de si, empreendidas por Michel Foucault. Espera-se contribuir com as diversas pesquisas e reflexões que têm sido desenvolvidas neste momento, com a finalidade de entender os impactos da pandemia de covid-19 sobre o comprometimento, engajamento e/ou aderência dos/as alunos/as em relação ao ensino remoto emergencial.

Para isso, dedicamos a parte inicial desta reflexão a realizar uma retomada das mudanças que ocorreram a partir do início da pandemia. Buscando entender os gerenciamentos desse novo modo de vida. Questionamos também, em que lugar o saber discente se coloca neste momento de crise. Em seguida, buscamos estabelecer um lugar de fala em meio a um não lugar, para os/as discentes. Trazendo junto a isto as condições deste tempo de incertezas. Por fim, a partir das reflexões empreendidas, sinalizamos a importância de outrem para que se possa aprender, por meio da alteridade, com o que estamos fazendo de nós mesmos.

---

<sup>1</sup>Existem diferentes expressões do negacionismo, possuindo articulações entre si, sendo este fenômeno heterogêneo e complexo (MOREL, 2021). Aqui, nos referimos principalmente ao negacionismo científico articulado ao negacionismo da pandemia de covid-19, que se colocou como um agravante deste acontecimento, tendo em vista que por vezes, diminui a gravidade da situação e deprecia o saber científico e popular.

<sup>2</sup>Diz respeito ao uso do poder (necropoder), principalmente por parte do Estado, que determina por meio de ações e negacionismos, quem deve viver e quem deve morrer. Nessa perspectiva o termo cunhado por Achille Mbembe (2018) faz menção a uma “política da morte” como um regime de governo, determinando quais corpos são descartáveis, como por exemplo: negros, pobres, idosos, povos indígenas, mulheres, entre outros.

## MUDANÇAS NAS ROTINAS: novos modos de vida

O ano civil de 2020 ficou marcado pelo início da pandemia de covid-19. Caracterizada como uma doença infecciosa, ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2 (coronavírus), sua disseminação foi rápida e devastadora. Deixando todos/as vulneráveis tendo em vista a inexistência, na época, de vacina e/ou medicamento cientificamente testados e comprovadamente eficazes contra a doença. Estendendo-se até a atualidade, em meio a erros governamentais e negação da ciência, contabilizando em torno de mais de 22 milhões de casos registrados<sup>3</sup>, até o momento.

Com a alta disseminação, medidas de isolamento social foram necessárias, como quarentenas e *lockdown*, na tentativa de diminuir o contágio. Como consequência disso, diversos setores da sociedade, caracterizados como “não essenciais”, tiveram suas atividades presenciais suspensas, a exemplo disso pode-se citar: universidades, escolas, teatros, bares, casas de show, clubes privados, academias, estádios de futebol, entre outros. Diante da suspensão das atividades presenciais, diversas reformulações sociais foram necessárias, como a adoção do *Home Office* e no caso das escolas e universidades, o ensino remoto emergencial (ERE).

A implementação do ERE se deu por diversos países, não sendo diferente no Brasil que, por meio do Ministério da Educação (MEC), que emitiu uma portaria<sup>4</sup> em março de 2020, autorizando a substituição das aulas presenciais pelas aulas remotas enquanto durar a pandemia de covid-19. Portanto, o estudo que antes era coletivo, compartilhado com colegas e amigos/as, passa agora para um estudo individualizado, como afirma Osti *et al.* (2021) e permeado por sentimentos de solidão, ansiedade e incerteza.

Tratando-se de medidas que tiveram que ser adotadas às pressas é necessário discutirmos acerca desta implementação. Por isso, cabe ressaltar a diferença entre o ERE e a educação a distância (EAD). No caso do ensino remoto emergencial, houve uma “adaptação curricular temporária”, tendo em vista as medidas de distanciamento social. Possuindo também, a alternativa de um ensino híbrido (aulas teóricas com possibilidade de aulas práticas). Já a educação a distância, possui seu currículo estruturado para tal, possuindo metodologias específicas para esta modalidade, segundo Godoi *et al.* (2020).

Nesta perspectiva, o incentivo do Governo Federal para adoção da EAD e do ERE, na tentativa de substituir o ensino presencial às pressas, intensifica a exploração dos professores e professoras, do ensino básico e superior. Estes/as tiveram neste momento de crise, que lidar com o peso do fechamento das instituições de ensino e a imprecisão de um modelo adaptado de ensino. Fator também que contribuiu para alargar as desigualdades entre os/as estudantes brasileiros/as e como isso afeta o seu direito constitucional à educação<sup>5</sup>. Fazendo refletir no ERE, a desigualdade histórica e estrutural de acesso à educação (MAGALHÃES, 2021). Evidenciando, que neste momento, a constituição, tão defendida pelo atual governo (naquilo que lhe convém), passa a ser esquecida quando a necessidade de cumpri-la emerge da população brasileira.

Essas diferentes realidades, tiveram de abarcar essas reformulações que são em parte coletivas, a partir das regularidades que apresentam entre si, mas também são individuais, tendo em vista que as estratégias de enfrentamento à pandemia são singulares. Considerando os marcadores sociais que influenciam neste processo, como por exemplo a raça, a classe e o gênero. Desse modo, os/as estudantes de graduação, assolados/as por um mesmo acontecimento, mas marcados/as por

<sup>3</sup> Dados atualizados em Painel Coronavírus. Disponível em : <https://covid.saude.gov.br/>.

<sup>4</sup> Portaria MEC nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020. Publicada em 18 de março de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>

<sup>5</sup> A educação está prevista na Constituição Federal de 1988, no Artigo 205 como um direito de todos/as e dever do estado (BRASIL, 1988).

realidades sociais distintas e possuindo diferentes posições sujeito, têm se desdobrado, para minimamente manterem suas rotinas acadêmicas. Corroborando com essa perspectiva, a pesquisa de Osti *et al.* (2021), sobre o comprometimento acadêmico no contexto da pandemia, evidência que a vivência dessas alterações impactou diretamente a interação, o estudo, o engajamento, as condições físicas, emocionais, pessoais e financeiras dos/as estudantes.

Apesar das estratégias de enfrentamento à pandemia serem singulares, não se pode deixar que esse “novo modo de vida”, seja dominado pela lógica capitalista neoliberal, que demonstra total descaso com a vida e por conseguinte, nos permite observar que os problemas contemporâneos vão muito além do combate ao vírus da covid-19. Alimentando desenfreadamente o individualismo que têm refletido diretamente no número de casos da pandemia, tendo em vista que muitas pessoas, impulsionadas pelo negacionismo, deixam de tomar a vacina ou realizar o distanciamento social ainda necessário<sup>6</sup>.

Pensar na reformulação da graduação, nos leva a refletir acerca das diferenças dos cursos da universidade. Onde aqueles que possuem disciplinas majoritariamente teóricas, certamente tiveram uma relação diferente com o ensino remoto, do que aqueles que envolvem disciplinas práticas, como a Educação Física, por exemplo. A reflexão se torna ainda mais complexa, considerando os estágios obrigatórios para a conclusão do curso, que nos primeiros semestres emergenciais deixaram de ser ofertados, tendo em vista a inviabilidade do desenvolvimento do mesmo. Problemática que deixou diversos/as alunos/as represados/as, tendo em vista que alguns/algumas necessitavam apenas do estágio para conclusão do curso.

Junto a todas estas mudanças, percebe-se a adaptação da maneira de ensinar e aprender, fazendo com que esse processo se torne cada vez mais prático, rápido e raso. Isso ocorre como consequência da lógica neoliberal, que impulsiona a produtividade e pouco se importa com a qualidade da educação. A esse fator, soma-se a falta de convivência e a troca de experiências entre docentes e discentes ocasionada pelo ERE. Por trás das telas dos computadores e celulares, que passam a ser o único meio de comunicação entre as partes, existem os/as docentes que convivem com a incerteza se estão ou não, conseguindo alcançar seus alunos e alunas na proporção que gostariam. E no outro lado, tem os/as discentes, que entre suas rotinas de estudos, trabalho e deveres domésticos, tentam encontrar um período e espaço físico adequados para cumprirem com suas obrigações acadêmicas.

Neste novo “modo de viver e aprender”, perdem-se muitas oportunidades de aprendizado e ensino que, ao passar dos anos, deixarão lacunas na formação destes/as futuros/as profissionais, sendo este tempo irrecuperável. Mas, apesar das dificuldades e limitações atuais, não se pode permitir que este cenário, atrelado a produtividade acrítica, se torne o padrão quando houver o retorno ao ensino presencial. É preciso instigar os/as docentes e discentes a produzirem uma relação mais harmoniosa e compreensiva por ambas as partes, para que não se percam os propósitos desta troca de vivências. Para que a produtividade ligada ao lucro, não seja o único fator de importância na formação universitária.

Ao permitirmos a “mecanização e o engessamento” dos métodos de ensino, estamos aceitando a perda de qualidade na formação das pessoas, não somente como profissionais, mas também como seres humanos, que necessitam e dependem de conhecimentos e habilidades sociais que irão lhe permitir o convívio em comunidade. Por estarmos rodeados/as de pessoas diferentes em uma

---

<sup>6</sup> A vacinação teve início no Brasil no dia 17 de janeiro de 2021. Começando pelos grupos de risco, tendo sido aplicada a primeira dose na enfermeira Mônica Calazans (BBC BRASIL, 2021). Deste período em diante, flexibilizações em relação ao distanciamento social têm ocorrido de acordo com o índice de contaminação, como reabertura de comércios. Entretanto, em alguns Estados ainda é necessário o distanciamento social tendo em vista as variantes do vírus, denominadas Indiana e Delta (VARGAS e FERRARO, 2021), e recentemente o surgimento de uma nova variante denominada Ômicron.

sociedade marcada pelo pluralismo cultural, é inviável e improdutivo estabelecermos uma norma de convivência e entendimento sobre como as interações humanas ocorrem. É preciso constante reflexão sobre nosso presente, é preciso questionar incansavelmente, de forma a não naturalizar aquilo que nos acontece hoje.

## O SABER DISCENTE EM TEMPOS DE CRISE

Esse momento de crise, torna possível evidenciar os saberes que são classificados como úteis, e por conseguinte, caracteriza também os ditos inúteis, como a Educação Física. Valorizada apenas em sua dimensão produtiva e disciplinar, na medida em que esses aspectos são valiosos a docilização dos corpos<sup>7</sup>, necessária a lógica atual. Denota-se a importância do inútil<sup>8</sup>, tendo em vista que o dito útil não supre todas as necessidades humanas. Corroborando com o pensamento de que "nem só do útil vivem os seres humanos e a vida humana se constitui também de experiências que não tem utilidade imediata ou produzem lucro" (REZER e CUNHA, 2021, p. 2), emerge a justificativa para a importância da fala discente. Fala muitas vezes interdita, marginalizada e caracterizada como inútil, pela falta de um argumento de autoridade que a sustente e o julgamento da improdutividade lucrativa deste saber.

Muitas vezes essas falas, esses ecos, são contemplados em pesquisas que buscam quantificar os benefícios e/ou prejuízos de um ERE exercido às pressas, mas será que tais pesquisas são capazes de quantificar e qualificar as diversas violências vividas durante esta crise? Tendo em vista que as respostas obtidas, partem justamente da parcela da população que minimamente tem conseguido manter suas atividades. Como estamos considerando os discursos interditados, aqueles e aquelas que sequer tem a possibilidade de serem ouvidos/as. Como de fato quantificar/qualificar essas inúmeras violências?

É diante deste contexto, desta realidade, que os/as discentes encontram maneiras distintas de “ser estudantes de Educação Física”. Maneiras singulares e que evidenciam as desigualdades sociais de nossa contemporaneidade. Portanto, esse novo modo de vida atrelado ao produtivismo desenfreado e aos “saberes úteis”, faz transparecer que:

[...] as atividades humanas agora são calculadas matematicamente e devem necessariamente cumprir uma função de produção de forma eficiente. Não é permitido ao indivíduo ocupar-se de si, tudo na vida deve se referir ao trabalho ou a atividades relacionadas a ele (KOVLESKI & DE OLIVEIRA, 2011, p. 184).

Por isso a importância do exercício da “parresía”, da fala franca. Como colocado por Foucault (2010, p. 141) a partir da liberdade de “tomar a palavra” utilizando da franqueza, para que neste momento de crise possam ser evidenciadas realidades e não apenas leituras produzidas e reproduzidas acriticamente. O autor coloca ainda que a parresía é “uma prática humana, é um direito humano, é um risco humano” e está extremamente ligado à democracia. Dessa forma, é necessário a possibilidade de tal empreendimento de forma a estabelecer, um “pacto parresíastico” com os/as governantes, que se quiserem exercer um governo aceitável, no que diz respeito às características da democracia, devem aceitar que os “mais fracos lhe digam as verdades, mesmo que

<sup>7</sup> Refere-se ao funcionamento do poder disciplinar que tem como função “adestrar” os corpos e por conseguinte “fabrica” indivíduos. Tornando-os tanto úteis quanto dóceis (FOUCAULT, 1987 p.195)

<sup>8</sup> Rezer e Cunha (2021, p. 6 ) colocam que os "conhecimentos considerados inúteis, na lógica em curso, tais como a arte, a música, a EF, mas fundamentais para a produção da vida, vão sendo paulatinamente convidados a se retirar da universidade e da escola, juntamente com as ditas 'humanidades'"



sejam desagradáveis” (FOUCAULT, 2010, p. 156). Portanto, é a partir desta prática de liberdade, que a roda de conversa intitulada “*Ecos Pandêmicos: mudanças nas rotinas acadêmicas e pessoais dos/as discentes*” é desenvolvida.

## UM LUGAR DE FALA EM MEIO A UM NÃO LUGAR

A emergência da roda de conversa tem sua iniciação a partir de um contato da comissão organizadora do evento com o Diretório Acadêmico Liberato de Oliveira Rodrigues<sup>9</sup> (DALOR), com o intuito de solicitar à representação discente, uma temática para compor a programação do 40º SNEF. A partir de uma reunião da atual gestão, decidiu-se que seria indispensável que a temática abrangesse diferentes realidades e também que seria de extrema importância que este momento possibilitasse o protagonismo dos/as alunos/as. De forma a possibilitar uma ordem discursiva positiva diante das inquietações deste momento incerto, proporcionando um lugar de fala em meio a um não lugar. Então, a proposta foi apresentada à comissão organizadora do evento. Felizmente, a ideia foi aceita e uma grande oportunidade de crescimento coletivo e reflexão foi proporcionada, estreitando a relação entre todos/as os/as envolvidos/as no ERE, por meio da compreensão das diversas vivências e realidades. Dessa forma, o desenvolvimento da mesma foi conduzido por discentes que compunham a comissão organizadora do 40º SNEF.

A escolha dos/as convidados/as não se deu por acaso. Pensando na necessidade de contemplar diferentes posições, a roda de conversa foi composta por estudantes que estão em diferentes momentos do curso. Sendo eles/as: uma aluna do curso de Licenciatura em Educação Física do 8º semestre, uma aluna do curso de Bacharelado em Educação Física do 5º semestre, um Doutor formado na unidade antes da pandemia de covid-19 e a mediadora também discente da unidade.

É importante esclarecer que a roda de conversa não foi criada única e exclusivamente para a fala dos discentes, tendo em vista as importantes contribuições dos/as docentes presentes. Mas a necessidade de protagonismo foi colocada com o intuito de proporcionar um espaço de exercício para a fala franca entre alunos/as e professores/as. Já que, os ecos discentes por vezes são interditados, necessitando, portanto, de uma ordem discursiva positiva para seu exercício. Entretanto, visto que os/as docentes também possuíam diversas dúvidas sobre os impactos da pandemia sobre suas aulas, suas colocações contribuíram fortemente para a dinâmica da roda de conversa. Onde pode-se presenciar diálogos durante o semestre e evento, onde alguns professores e professoras relataram seus sentimentos sobre o novo modo de ensino, uma vez que a participação durante as aulas síncronas era muito reduzida, e os motivos para essa baixa participação poderiam ser variados.

## AS CONDIÇÕES DE UM TEMPO INCERTO: ESTRATÉGIAS, LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES

Diante destas diferentes posições sujeito, ocupadas pelos/as convidados/as, pode-se presenciar na roda de conversa uma diversidade de estratégias, limitações e possibilidades. Observou-se relatos de estudantes que necessitam, diante da pandemia, modificar suas rotinas drasticamente. Por isso, buscaram estratégias variadas, como por exemplo, assistir às aulas e executar as tarefas assíncronas em turno inverso, ou seja, durante a madrugada. Essa estratégia se dá pelo fato de que a madrugada,

---

<sup>9</sup>O órgão máximo de representação e defesa dos estudantes matriculados nos cursos de Bacharelado em Educação Física e Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), fundado no ano de 1971/1973. Posteriormente sendo inserido a representação do curso de Fisioterapia, fundado no ano de 2020.

para muitos alunos e alunas do ensino superior, seria o único momento onde conseguiriam ter um espaço físico, silêncio e momento apropriado para focar sua atenção e concentração nas tarefas e estudos. Tendo em vista que muitos compartilham a casa e/ou os cômodos, com seus familiares. Diante dessa problemática, o trabalho de De Freitas Araújo e De Almondes (2012) apontam as problemáticas em relação à sonolência excessiva, que pode prejudicar a atenção, concentração e memória operacional. O que pode ser um impasse no desenvolvimento de atividades que exigem atenção.

Soma-se a esta estratégia de enfrentamento tantas outras e, as dificuldades em relação a instabilidade das redes de internet, a falta de energia elétrica ocasionada em dias de chuva, a falta de equipamentos digitais adequados para o desenvolvimento das atividades virtuais, entre tantos outros impasses que podem surgir. Assim, a pandemia desencadeou uma série de dúvidas sobre o que será do futuro daqui para frente, tendo em vista que esta seria a chance e até mesmo a única oportunidade de proporcionar uma realidade e qualidade de vida diferente, por meio da futura profissão e/ou experiências vivenciadas no curso. A soma desses agravantes do ERE denota-se por meio dos/as convidados/as e também dos/as ouvintes, que se manifestaram pelo chat. Fazendo emergir ecos que evidenciam, no lugar de sonhos e planos, incertezas. Pois antes deste acontecimento, mesmo com todas as barreiras e dificuldades, lhes eram proporcionados espaços adequados dentro da Universidade para desenvolver seus estudos. Havia toda uma comunidade, uma estrutura interligada ao curso, onde poderiam conviver com seus/suas colegas, trocar experiências, tirar dúvidas e trabalhar em conjunto.

Dentro desses relatos, pode-se vislumbrar alguns potenciais das ferramentas digitais, diante daqueles/daquelas que tiverem condições para usá-las. Nos relatos sobre os estágios obrigatórios que recentemente puderam ser desenvolvidos de forma remota, notou-se a troca de informações, ferramentas e plataformas que poderiam auxiliar no processo de ensino neste momento. Denotando o potencial das ferramentas digitais e como estas poderiam ter um grande papel social se todos e todas tivessem acesso às mesmas. Entretanto, considerando que muitas pessoas ainda não têm acesso a internet de qualidade, estes meios acabam por segregar e excluir aqueles/aquelas que não têm acesso, deixando-os/as à margem em relação ao acesso à educação.

As falas dos discentes são carregadas de emoção, onde foram expressadas a saudade do convívio com colegas de classe, da troca de experiências e o sentimento de solidão, desencadeado pela privação desta convivência cotidiana. Atrelado a isso, tem o cansaço físico e mental, ocasionado por horas excessivas em frente às telas. As tecnologias atuais facilitam a comunicação, mas não anulam a falta de calor humano. Denotando como colocado por Ortega (1999) a necessidade de outrem, tendo este/a papel fundamental para uma relação consigo mesmo.

De todas as barreiras colocadas, surgiu uma resiliência necessária, onde em meio a tantas mudanças drásticas e sentimentos embaralhados o distanciamento passou a ser ressignificado como um ato de carinho, respeito e zelo ao próximo. Nessa perspectiva, em tempos pré pandêmicos o distanciamento e a individualidade poderiam ser vistos como indiferença e frieza por alguns/algumas. Agora neste momento, como necessidade, se torna um ato de cuidado. Logo ressignificar o distanciamento social, neste momento de crise se tornou fundamental. Cabe ressaltar que, para algumas pessoas, o distanciamento tornou-se algo inviável. Tendo em vista a falta de apoio social e o negacionismo dessas condições de vidas desiguais, tornando inviável a realização desta medida. Optando muitas vezes por correrem o risco de contaminação, já que para essas pessoas a fome, era um risco ainda maior, como afirma Morel (2021, p. 10).

Diante dessa realidade, fica cada vez mais evidente a necessidade da prática da alteridade. Apenas sendo capaz de praticá-la que seremos capazes de atender as necessidades desiguais da população. É a partir do momento em que entendemos este ponto, que o exercício da alteridade se torna fundamental diante de um contexto pandêmico. Permeando as relações sociais, seja quando



fazemos o uso dela ou simplesmente a ignoramos, permitindo que a individualidade seja cegamente alimentada por uma lógica de competição ligado ao lucro. Desvalorizando, por conseguinte, seu papel fundamental neste momento, para o cuidado de si e o cuidado de outrem. Nessa perspectiva, Vargas e Ferraro afirmam que:

O setor da população que durante o período de isolamento social relativiza o potencial de covid-19, bem como as mortes que dela decorreram, não possuem a sensibilidade necessária que lhes permita colocarem-se no lugar do[a] outro[a], percebendo que também podem ser responsáveis pelo seu sofrimento. Ninguém deveria ficar para trás: toda vida importa partindo do princípio de que a mesma se constitui como bem maior e de inestimável valor (VARGAS & FERRARO, 2021, p. 291)

Logo, é por meio da alteridade, que cria-se a possibilidade de exercitamos a capacidade de compreender melhor a sociedade em que vivemos, ponderando as desigualdades sociais, e assim, buscar formas por meio de atitudes e interações, que podem construir relações mais saudáveis de maneira geral, e por consequência, gerar uma convivência mais harmônica e humana. Para que exista uma identificação com o meio em que se vive, é preciso entender que existem uma multiplicidade de relações, e isso inclui toda uma dinâmica social entre os/as seus/suas pertencentes. Logo, quando foi ofertado o espaço para a troca de experiências e vivências durante o evento, foi criado a ocasião para a prática da alteridade e consequentemente o cuidado de si. Buscando desencadear uma inquietação pessoal sobre os comportamentos e posicionamentos perante às diferentes realidades que têm enfrentado a pandemia de covid-19.

Junto da necessidade de compreender a realidade do/a outro/a para intensificar as relações pessoais, é preciso entender que, para que haja a possibilidade do sujeito cooperar e auxiliar na melhora do bem estar e das relações sociais de um grupo, é necessário que antes disso, ele/ela tenha a condição de cuidar de si. Nessa perspectiva Foucault diz o seguinte:

O cuidado de si é ético em si mesmo; mas ele implica em relações complexas com os[as] outros[as], na medida onde esse ethos de liberdade é também uma maneira de cuidar dos[as] outros[as] [...] E mais, cuidar de si implica ainda a relação com o[a] outro[a] na medida em que, para cuidar bem de si é necessário escutar as lições do mestre. Ora, é necessário um[uma] guia, um[uma] conselheiro[a], um[uma] amigo[a], qualquer um[uma] que lhe diga a verdade. Assim, a questão das relações com os[as] outros[as] está presente ao longo de todo o desenvolvimento do cuidado de si (FOUCAULT, 2004, p. 5).

Portanto, para tornar possível o cuidado de si e por conseguinte o cuidar de outrem, é necessária a alteridade entre os membros de um grupo social, no que diz respeito a estar atento e disposto a auxiliar na resolução dos problemas alheios, e não somente dos pessoais. O grande grupo se beneficia, quando há interesse e vontade de sua maioria, em tomar a atitude que seja melhor para o grupo, em detrimento dos seus interesses e ambições pessoais. Colocando a individualidade na dimensão ética do cuidado de si. Logo para o enfrentamento deste momento de crise, permeado pelo negacionismo, é fundamental como colocado por Morel que:

[...] os conhecimentos científicos em relação à pandemia sejam incorporados às realidades cotidianas, é preciso que a população não apenas tenha 'acesso à informação', mas esteja engajada em uma vida coletiva que sustente esses

conhecimentos. É preciso também que a ciência seja afetada pelos conhecimentos populares, considerando as realidades das classes populares, para não reproduzir apenas medidas higienistas. (MOREL, 2021, p. 7)

Demonstrando, novas possibilidades, a partir do que aprendemos (ou não) a partir da pandemia. Em meio ao caos, de alguma forma e a partir das barreiras, criaram-se novas formas de viver, e isso não quer dizer que se foram anuladas todas as dificuldades vividas até aqui, mas que cada um à sua maneira, dentro do que foi possível ressignificar, produziu o seu modo de viver. Neste horizonte, Foucault manifesta a dimensão produtiva do poder, tirando-o de sua posição tradicionalmente centrada em uma instituição e desvinculando-o da ideia de uma compreensão “jurídico-discursiva”. Com isso, o autor coloca que o poder “não é mais necessariamente aquilo que censura ou aprisiona” (FOUCAULT, 1978, p. 133). Sendo microfísico, presente em nossas relações sociais/pessoais. Assim sendo, os ecos que emergiram a partir da proposta da roda de conversa, produziram a partir de diferentes perspectivas e diferentes realidades, outras formas de dizer sobre a pandemia de covid-19 e os/as estudantes de Educação Física. Trazendo a tona discursos tradicionalmente marginalizados em nossa sociedade. Convidando a todos e todas para uma relação ética com o cuidado de si, implicando o exercício da alteridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o empreendimento proposto, a roda de conversa protagonizada por discentes do curso de Educação Física, contribuiu para viabilizar um espaço de fala, de troca de vivências entre professores/as e alunos/as, oportunizando reflexões importantes sobre o atual momento que nos aflige. Com o objetivo de proporcionar e refletir sobre a fala franca, para que ambos/as entendessem as dificuldades enfrentadas pelo/a próximo/a, e que implicam diretamente no seu desempenho e/ou sucesso no modelo de ERE. Possibilitando a prática da alteridade, tão fundamental para a ressignificação da individualidade em nosso tempo e as implicações com o cuidado de si.

Mudanças já são assustadoras por si só, e quando acompanhadas por uma modificação drástica em nossas rotinas, sem uma previsão otimista de um retorno ao “normal”, o processo se torna ainda mais doloroso e tortuoso. Mas nós, enquanto parte de uma sociedade, que vive em grandes e diversificados grupos, somos parte fundamental para que seja possível nesse tempo, viabilizarmos convivências mais tranquilas e menos sufocantes ao longo desta pandemia que enfrentamos, e a maneira como nos relacionamos com as pessoas pode gerar o mesmo benefício e/ou violências. Por isso, reflexões como esta e espaços destinados para isto, como o da roda de conversa no 40º SNEF são extremamente valiosas para nos perguntarmos: o que aprendemos com a pandemia de covid-19?

## REFERÊNCIAS

BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55850118>

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988#art-205>

DE FREITAS ARAÚJO, Danilo; DE ALMONDES, Katie Moraes. Qualidade de sono e sua relação com o rendimento acadêmico em estudantes universitários de turnos distintos. **Psico**, v. 43, n. 3, 2012. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/N%C3%83%C6%92O%20https://www.scimagojr.com/index.php/revistapsico/article/view/9369>

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. [Entrevista a H. Becker, R. Formigoni-Betancourt, & A. Gomez-Müller em 20 de janeiro de 1984]. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GODOI, Marcos; KAWASHIMA, Larissa Beraldo; DE ALMEIDA GOMES, Luciane. “Temos que nos reinventar”: os professores e o ensino da Educação Física durante a pandemia de COVID-19.

**Dialogia**, n. 36, p. 86-101, 2020. <https://doi.org/10.5585/dialogia.n36.18659>

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais\*. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 28, n. 4, p. 1263-1267, dez. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702021005000012>.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018.

MEC AUTORIZA **ensino a distância em cursos presenciais**, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>

MOREL, Ana P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00315>

KOVALESKI, Douglas Francisco; DE OLIVEIRA, Walter Ferreira. "Tecnologias do Eu" e cuidado de si: embates e perspectivas no contexto do capitalismo global/" Technologies of the Self" and self-care: conflicts and prospects in the global capitalism context. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 3, n. 6, p. 171-191, 2011. Disponível em: <http://stat.necat.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1508>.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

OSTI, Andreia; PONTES JÚNIOR, José Airton de Freitas; ALMEIDA, Leandro S.. O Comprometimento Acadêmico no Contexto da Pandemia da Covid-19 em Estudantes Brasileiros do Ensino Superior. **Revista Práxis**, [S.L.], v. 3, p. 275-292, 1 set. 2021. Associação Pro-Ensino Superior em Novo Hamburgo. <http://dx.doi.org/10.25112/rpr.v3.2676>.

REZER, Ricardo; CUNHA, Antônio Camilo. Responsabilidades da Educação Física para com o “Tempo do Inútil”: uma necessidade de nosso tempo. **Movimento (Porto Alegre)**, [S.L.], v. 27, p. 27042, 22 jul. 2021. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.112224>.

## NOTAS de AUTOR

### AGRADECIMENTOS

Aos/às discentes e aos/às organizadores/as do 40º Simpósio Nacional de Educação Física, que participaram da roda de conversa e tornaram possível a produção deste texto.

### FINANCIAMENTO

Este texto recebe apoio da bolsa PROBIC/FAPERGS por meio da bolsista Jéssica Urrutia Pereira, vinculada ao projeto nº 4362, intitulado As perspectivas pós-críticas nos estudos do campo educacional e da Educação Física.

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM** - Não se aplica.

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA** - Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

O(s) autor(es) considera(am) não haver conflitos de interesses.

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC (periódicos.ufsc.br). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos Editores ou da Universidade.

### EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

### EDITORES ASSOCIADOS DA SEÇÃO TEMÁTICA

Ricardo Rezer, Mariângela da Rosa Afonso, Inácio Crochemore

### REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória de Paula Duarte; Keli Barreto Santos.

### HISTÓRICO

Encaminhado pelos Editores Associados em 31 de maio de 2022.